EDITORIAL

Apresentamos aos nossos leitores uma síntese dos artigos publicados neste número.

"Atuação política e revolucionária de Jesus?" J. B. Kipper, depois de apresentar as fontes deste tema e a situação histórica e política da Palestina ao tempo de Jesus, pergunta se o Mestre foi um **revolucionário violento.** Responde que, apesar de ter sido condenado como subversivo, ele não o era, pois no Sermão da Montanha ensina a não violência e o amor aos inimigos. A expulsão dos vendedores do templo não era nenhum gesto revolucionário e nada prova que Jesus fosse zelote ou simpatizante dos zelotes.

Quanto à **atuação política**, Jesus certamente não foi político de profissão, e tampouco sua pregação visava diretamente a fins políticos; ele nunca quis ser um Messias político-nacionalista. Jesus reconhece os poderes civis e se lhes submete, mas também conserva atitude crítica para com eles. Sua ampla doutrina sobre a pobreza e riqueza não visava à mudança das estruturas políticas e sociais: ele quer mudar os corações dos homens, imbuindo-os de amor a Deus e aos próximos. Mas a doutrina e a conduta do Mestre certamente têm **implicações políticas**, enquanto, por exemplo, o político cristão atuante se deve lembrar sempre que é discípulo de Jesus.

"Teologia da libertação em São João: A verdade vos libertará (Jo 8,32)". J. E. Martins Terra, em vista da importância que a palavra "libertação" adquiriu na América Latina, procura precisar qual a contribuição do cristianismo para a solução deste problema. Deixando de lado a libertação escatológica, que todos admitem, o autor se detem no processo de libertação do homem nesta vida, na perspectiva cristã da teologia joanina.

Para tanto, estuda o sentido bíblico de "libertação", tal como aparece no Antigo e no Novo Testamento, bem como a sua perspectiva diacrônica na história da salvação, culminando com a sua plena manifestação em Cristo. Chega assim á conclusão que o conteúdo desta "libertação" é a reconstrução originária do homem, como filho de Deus.

Passa depois a examinar a experiência da "libertação" de Israel no episódio do Êxodo e do cristão no evento "Cristo", detendo-se por fim em São João (Jo 8,32), onde encontra o sentido

pleno da libertação cristã, que não se reduz ao aspecto interior e escatológico, mas abraça a totalidade do homem e da sua história, libertação de todos os condicionamentos terrenos, na identificação com Cristo, o filho de Deus.

"**Hacia las raíces del nacionalismo teológico latinoamericano**". Horácio Bojorge, penetrando um pouco na história da teologia latinoamericana, mostra que as atuais tendências de uma teologia autóctone, com suas implicações, vias de solução e conseqüências, já tiveram seus antecedentes históricos. Já no século XVIII, em situação de dependência, teólogos se interessaram, de diversas maneiras, pela política e pela dimensão política da teologia. Daí o subtítulo do artigo: "Entre la política como teología y la teología como política". O autor também reflete sobre diversas conseqüências da expulsão dos jesuítas e do fechamento de centros de estudos superiores na América Latina para uma reflexão teológica latinoamericana.

"**La oración de Jesús y la nuestra**". Daniel Gil apresenta-nos nesta comunicação o significado profundo da oração de Jesus Cristo e da nossa. O cristão, como homem, filho de Deus, só chegará à plenitude de sua existência na união com Jesus Cristo orante.

A Redação